

# UM TERRITÓRIO E SEUS LUGARES DE MEMÓRIA

## Olhar sobre a realidade de Caxias do Sul

**Terezinha de Oliveira Buchebuan**

Arquiteta e Urbanista

Dra. em Planejamento Urbano e Regional

Professora na Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Coordenadora do TaliesEM – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo

Universidade de Caxias do Sul

### **Passeio pelos lugares da memória caxiense**

Os museus já foram espaços de contemplação passiva de coleções de prestígio pessoal ou político, instrumentos de educação e cultura, local de conservação do patrimônio nacional, regional ou local, nem sempre acessíveis a toda população. Atualmente, há consenso que museu é uma instituição complexa e que, inserido em uma política cultural de educação, pode tornar-se o “ponto de encontro privilegiado do patrimônio e da sociedade, ao mesmo tempo que uma janela para o mundo” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 75). Essas instituições tiveram a tríade tradicional: edifício, coleção e público, ampliada, tornando-se território de ação, patrimônio coletivo e comunidade de habitantes. Assim, passaram a lidar com o patrimônio material e imaterial, em atuação conjunta com a sociedade, ligadas ao desenvolvimento cultural e socioeconômico. Caxias do Sul já tem alguns exemplos dessa ampliação de atuação e, o **Museu dos Capuchinhos** é um importante exemplo disso, pois para além da importância da guarda do acervo da ordem de todo o Rio Grande do Sul, abre o seu espaço para exposições temporárias de artistas locais, possui uma revista impressa que difunde cultura para muito além de postagens na fluidez das redes sociais, enfatiza a ligação com a criação artística em um atelier anexo, além da exemplar atividade de conservação.

Por este olhar, foi que o TaliesEM – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul<sup>i</sup> se propôs a conhecer a realidade dos museus e lugares da memória caxienses, correlacionando-os ao seu espaço-tempo. A partir de pesquisa documental e em mídias digitais, mapearam-se preliminarmente as instituições, ativas ou não, no espaço geográfico do município, sendo considerados os museus, além de instituições que abrigam algum acervo de memória, públicos ou privados. Foram listados, até o presente momento, treze museus: Casas Bonnet, Casa de Pedra, Museu Municipal, Instituto Hercules Galló, Museu e Casa Zinani, Museu Diocesano (Casa Canônica), Museu da Uva e do Vinho Primo Slomp (Cooperativa Vitivinícola Forqueta), Museu São Brás, Museu da Indústria Metalúrgica (MIM) – Memorial Gazola, Museu dos Capuchinhos (MUSCAP), Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária

Brasileira na II Guerra Mundial (FEB), Museu Municipal do Esporte (Ginásio Enxutão) e Museu de Ciências Naturais da Universidade de Caxias do Sul (UCS); além de sete instituições com algum acervo de memória: Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, Acervo Cantina Antunes (Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho), Fazenda Bertussi, Centro de Memória Dr. José Brugger (Hospital Pompeia), Monumento ao Imigrante, Instituto Bruno Segalla (Campus 8 da UCS) e Memorial Atelier Zambelli (Monumento Jesus Terceiro Milênio)<sup>ii</sup>.

O mapa permitiu traçar roteiros para os levantamentos de campo, realizados com visita guiada em cada instituição mapeada e nessas ocasiões foi possível coletar dados para elaboração de fichas gerais, cuja finalidade era caracterizar cada instituição. Os dados registrados envolvem uma planta de situação e implantação, para localização do espaço na cidade ou na zona rural, algumas imagens para caracterização do entorno da edificação que abriga a função de guarda da memória, a temática dos acervos, o público alvo, além de algumas fotos para uma breve visualização dos ambientes expositivos (figura 1).

Na sequência também foi elaborada uma ficha para cada edificação, levando-se em conta as características arquitetônicas (figura 2). Inicialmente é apresentada uma planta de localização e uma imagem externa, com detalhes sobre os aspectos ligados à parte construtiva e à materialidade. Importante destacar que as fichas também trazem o contexto, os usos originais ou modificados ao longo do tempo, bem como a identificação de possíveis valores para preservação.

### **Alguns passos atrás: Voltando no tempo**

A riqueza observada na paisagem dos percursos, nas características arquitetônicas das edificações dos museus ou instituições de memória, nos seus acervos, e a correlação entre os dados mapeados e tabulados nas fichas remeteu a uma ampliação do estudo. Alguns questionamentos inquietaram a equipe de trabalho e traçaram o novo rumo da pesquisa: “Como era o entorno e quando foram construídas as edificações que hoje abrigam os museus?; Por que elas resistiram no espaço-tempo?; Quando essas edificações se tornaram museus ou lugares que guardam nossas memórias?”.

Como tentativa prévia de responder essas questões, se desdobrou o estudo para a compreensão das fases de evolução da ocupação do território de Caxias do Sul, com base na proposta metodológica de Souza e Müller (1997), que leva em conta os fatores econômicos, locacionais e político-institucionais, com ênfase na função produtiva e no aumento populacional em cada uma dessas fases. Em paralelo, foi realizada pesquisa bibliográfica para conhecimento da história da produção do espaço urbano e rural de

Caxias do Sul, principalmente a partir de Machado (2001) e Silva (2018), o que permitiu a determinação das fases a nível local.

No caso caxiense foram identificadas cinco fases de ocupação e transformação do espaço:

1. Colonização e Fundação: 1875 – 1890;
2. Consolidação Agrícola e Vitivinícola: 1890 – 1940;
3. Industrialização: 1940 – 1980;
4. Diversificação Econômica e Cultural: 1980 – 2000;
5. Caxias Contemporânea: 2000 – Presente.

Cada uma dessas fases foi descrita textualmente, enfatizando os eventos importantes para sua definição a partir das categorias indicadas pela metodologia, divididas ainda em fatos ligados às escalas regional, local e de outras regiões mais amplas, como a nacional. Após o relato textual foi elaborada uma ficha síntese, colocando em itens os principais fatores envolvidos na delimitação de cada uma (figura 3).

As pesquisas, documental e digital, também embasaram os dados sobre as edificações que abrigam os museus e lugares de memória atualmente, para identificação da data de construção, da mudança do entorno e das alterações nas atividades ao longo do tempo, correlacionando esses dados com as fases da evolução identificadas acima, inclusive quando passaram a abrigar acervos museológicos ou de memória.

Por fim, foi elaborada uma ficha final com cada uma das fases de produção do espaço de Caxias do Sul, em que foram inseridos os dados históricos, a função, a população, os equipamentos e infraestrutura, além de imagens ilustrativas. Porém, o mais importante dela são os mapeamentos, um deles traz o território do município cruzando com as antigas léguas e as estradas e, o outro, com a evolução do perímetro urbano ao longo das fases. Em ambos foram localizadas as edificações em sua época de construção, evidenciando nas fichas posteriores, a data em que se tornaram museus ou lugares de memória (figura 4).

Rissi (2023) conclui sua pesquisa identificando que os museus e lugares de memória estão ligados diretamente à evolução da ocupação geográfica e, não somente os acervos, mas as edificações fazem essa ligação. Assim, é sugerida a criação de rotas organizadas em percursos por Caxias do Sul:

- Ligadas aos períodos históricos ou fases da ocupação (Fase 1 à Fase 5);
- Pela temática dos acervos (mobiliário residencial; artefatos de trabalho nas colônias, profissões ligadas à indústria vitivinícola e metalomecânica; artefatos religiosos; instrumental de guerra; tradição musical; esporte e ciências naturais);
- Pelos percursos (proximidade na malha viária urbana, percorrendo os caminhos dos imigrantes pelo meio rural ou as primeiras estradas).

O estudo também aponta para a necessidade de “inclusão de pontos e locais, que por mais que não sejam de caráter museológico, apresentem e demonstrem a pluralidade cultural de uma cidade onde muitas raças, cores e credos construíram a grande história de Caxias do Sul” (RISSI, 2023, p. 53).

### **Olhar para a memória caxiense: presenças e ausências**

O estudo de Rissi (2023) apontou importantes conclusões sobre a situação dos museus e lugares da memória caxienses. No entanto, foi necessária uma sistematização e inclusão de novos dados para entendimento do que constitui esse patrimônio arquitetônico que abrigam os museus, seus acervos e quais grupos sociais estão representados por eles.

Tradicionalmente os museus são entendidos como espaço de preservação, comunicação e pesquisa com relevante papel social. Porém, apesar da evolução do conceito e das atividades realizadas, muitos ainda trabalham na perspectiva da contemplação do acervo. Em alguns casos, ainda não foi estabelecida de fato uma relação de pertencimento e reconhecimento.

O serviço de um museu ou lugar de memória deveria ter como fim garantir que todos, de alguma maneira, sintam-se representados. Eles detêm um importante papel na formação do “pensamento social, pois neles encontram-se materializados discursos sobre a história e sobre o território” (REIS, 2021, p. 76). Por este viés, o museu também pode se tornar um símbolo de poder, pois qualquer narrativa patrimonial, inclusive a museográfica, é produzida a partir de “escolhas, disputas de poder e silêncios”. Essa seleção produz recortes narrativos e pode gerar ausências, ou ainda, produzir o “não dito” (IBRAM; MHN, 2017).

Tendo em conta a relação dos museus e dos lugares de memória caxienses com a evolução da ocupação do território, se pode perceber esses recortes também presentes na cidade e nas edificações que permaneceram, naquelas que se tornaram ausências, ou ainda, nas valorizadas material e simbolicamente, ao receber novos usos como museus, centros culturais, etc. Para Rolnik (1994) assim como lemos um texto, a cidade pode ser considerada uma escrita, pois nela é possível ler os diferentes espaços e tempos a partir de suas ruas e de suas construções. Por isso, precisamos atentar não só para o que permanece nessa leitura, o que se escolheu recortar para dar continuidade a uma narrativa. O conhecimento do que se escolheu descartar ou silenciar e das lacunas existentes é importante para percebermos que histórias estamos contando e quais deixaram de ser narradas.

Para caracterização da realidade caxiense foi elaborado um quadro organizado a partir da identificação das fases de produção do espaço, associando a elas a nomenclatura

dos museus ou lugares de memória como são conhecidos hoje; a data de construção das edificações que abrigam seus acervos atuais; o uso original; o ano de fundação do museu; a categoria (público ou privado); o ano em que o museu ou lugar de memória passou a ocupar a edificação mencionada no início; o ano de tombamento<sup>iii</sup>, quando for o caso; o contexto (rural ou urbano); e, por fim, a temática dos seus acervos (quadro 1). Como pode ser observado no quadro três edificações foram construídas na primeira fase de colonização e fundação, todas com uso residencial inicialmente; dez na etapa de consolidação agrícola e vitivinícola, variando os usos entre residencial, comercial, industrial, religioso e hospitalar; cinco naquela de industrialização, com atividades de tipografia, residencial, educacional, esportivo e um já sendo edificado como monumento, mas com espaço expositivo; uma na de diversificação econômica, já sendo edificados para abrigar seu acervo de ciências naturais; e, um na Caxias contemporânea, outro monumento, mas também com espaço expositivo em sua base. Na terceira fase são fundadas quatro instituições museais ou de memória, duas delas coincidindo com as comemorações do centenário da imigração italiana na Serra Gaúcha (1975); sete são da quarta fase, período em que se inicia uma diversificação da economia e uma maior oferta de atividades culturais na cidade; e outros nove na contemporânea, consolidando cada vez mais as opções ligadas à memória e à cultura. Do total pesquisado oito instituições são públicas e doze privadas, essas últimas mais concentradas na quarta e quinta fases, o que leva a crer que a sociedade está atribuindo maior valor ao patrimônio, inclusive pela sua exploração turística e, consequentemente, econômica. Do total, temos quatro ofertas no meio rural e dezesseis no urbano, com oito edificações tombadas, sendo que apenas uma delas acumula o municipal e o estadual, que é o Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami.

No entanto, a maior diferença está em relação ao acervo, pois dez instituições, a metade, trabalham com temas da imigração italiana ligados à objetos da casa e do trabalho. Além disso, se considerarmos o material religioso dessa época de imigração, temos mais três locais de exposição; além daqueles ligados à metalurgia e à guerra, vinculados também a descendentes de imigrantes italianos. Os cinco espaços restantes têm temáticas únicas, ligadas à área médica, musical, esportiva, obras de artista local e ciências naturais. O único acervo dos povos originários está em um pequeno espaço junto ao Museu Municipal e não foram encontrados na pesquisa elementos ligados aos descendentes de povos escravizados ou de outras etnias de imigrantes. É importante destacar que pesquisas indicam a presença de povos originários, no território da Colônia Caxias, assim como de descendentes de povos escravizados na área urbana e rural, antes e logo após a chegada de imigrantes italianos. Outra questão é que o município está em uma posição geográfica entre áreas colonizadas por imigrantes alemães e os

Campos de Cima da Serra, que já tinham população formada por várias etnias, permitindo trocas culturais. Além disso, no século XX teve incorporados ao município alguns distritos, um deles da região de imigração alemã (Vila Cristina) e outros cinco de São Francisco de Paula (Vila Seca, Vila Oliva, Criúva, Fazenda Souza e Santa Lúcia do Piaí), o que atesta que algumas vozes não estão sendo narradas pela história de Caxias do Sul. Portanto, parece faltar representatividade nos museus e lugares de memória para os diferentes grupos sociais que formaram e transformaram esse território.<sup>iv</sup>

Se o patrimônio pode ser um recurso político capaz de reduzir ou ajudar no combate à desigualdade, “musealizar” o território também pode ser uma estratégia de administração da memória e instrumento de desenvolvimento social (OLIVEIRA, 2013). Com a ampliação do discurso museal os grupos marginalizados e minorias buscam por valorização: “o reconhecer-se tornou-se uma reivindicação” (REIS, p. 77).

### **Muitos passos além: Percursos futuros**

Ao longo do tempo, os museus se abrem e o “museu caixa-forte” e “refúgio nostálgico” se torna “museu-laboratório” ou “museu-escola”, torna-se um “museu aberto” onde a “comunidade se encontra e se expressa” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 40).

Essa ideia, do museu como lugar político (CURY, 2017) não é nova. Ela permite uma autonarrativa, afim de visibilidade e diálogo social, afirmando-se como diferente, com particularidades (REIS, 2021). A ação política, a partir da discussão e da construção da memória e da identidade já está posta há um bom tempo e, no caso dos instituições museais, avançou a partir da década de 1970 com o modelo de ecomuseu de Varine e Rivière, que integram projetos museológicos diversificados, associados aos conceitos “museus de comunidade” e “museu de território” (REIS, 2021, p. 84).

O primeiro não é especializado e traz exposições temporárias sobre assuntos variados, como história, ciência, arte, problemas sociais, escolhidos por diferentes grupos com objetivos pedagógico e social (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 37). O ecomuseu tem uma dinâmica mais abrangente, pois integra os habitantes, os visitantes e também a ecologia da região rural ou industrial que o circunda e, assim torna-se um museu que combina a dimensão espaço-tempo: “é um espelho no qual a população olha para si mesma para reconhecer-se, procura a explicação para o território ao qual está ligada, juntamente com a das populações que a precederam na descontinuidade ou na continuidade das gerações” (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p. 37).

Particularmente, o museu de território tem o olhar mais voltado à própria comunidade onde se insere. Ele é formado por um “percurso a partir de pontos de memória que remetem a locais que foram importantes na história do grupo, com a ideia justamente de trazer as memórias à tona” (REIS, 2021, p. 83).

Na Região da Serra Gaúcha temos, majoritariamente, um discurso de *italianitá*<sup>v</sup>, uma identidade moldada pela narrativa dominante dos imigrantes italianos e que, em grande parte, foi difundida pelos museus. É algo que já está posto, mas quando se mapeia e se ficha, isto toma uma outra proporção. Por este olhar é que se sugere que Caxias do Sul repense a representatividade dos seus acervos museológicos e lugares de memória, de acordo com os grupos culturais que ajudaram a construir este município.

Muitos defendem que precisamos explicitar o que nos une, mas será que trazer à tona o que nos diferencia não permitiria que todas as histórias fossem contadas? Só assim, sem rótulos, respeitando e se enxergando como uma cidade plural, não poderíamos desenvolver respeito pelas diferentes narrativas? Não só a dos imigrantes italianos e seus descendentes, lembrando que também vieram de uma escassez, muitos fugindo da fome na Europa e que, em maior ou menor grau, contaram com o apoio do poder público à época. Com o acesso à terra garantido conseguiram se desenvolver do ponto de vista social, econômico, educacional, superaram suas dificuldades e fizeram dos seus feitos uma narrativa que os une enquanto grupo. A valorização da produção arquitetônica, que é vernacular, dos elementos presentes nos museus, enfim de sua cultura de origem popular, só veio bem mais tarde.

Correlacionar os pontos do percurso dos povos originários ligando-os com os sítios arqueológicos já estudados e gravados no Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI)<sup>vi</sup>, dos povos escravizados que saem das fazendas dos Campos de cima da Serra e migram em busca de melhores condições de vida pode ser um caminho. Em conjunto com as comunidades pode ser pensado um museu de território, com preservação da paisagem natural ou já modificada pela ação antrópica. Além disso, os imigrantes de diferentes etnias continuam chegando a cada nova fase econômica e, consequentemente, de produção do espaço urbano e rural em Caxias do Sul, que continua em uma curva ascendente de crescimento da população e de mudanças em suas funções produtivas.

Em uma palestra na Universidade de Caxias do Sul, o jornalista Caco Barcellos chamou a atenção para o fato de que “toda pessoa guarda consigo uma grande história se você estiver disposto a ouvir”<sup>vii</sup>. É preciso reconhecer que esse processo já teve início em Caxias do Sul e algumas dessas histórias já podem ser ouvidas, só para citar uns poucos exemplos, além das experiências já mencionadas referentes ao MUSCAP:

- 2006: no tema da Festa da Uva, elaborado pelo prof. José Clemente Pozenato, “A alegria de estarmos juntos”, fazendo menção aos diferentes grupos culturais agora presentes nessa celebração, originariamente pertencente aos imigrantes italianos e seus descendentes;

- 2019: o Museu de Território de Galópolis, um projeto do Instituto Hércules Galló, que tem como objetivo preservar a memória do bairro e gerar renda;
- 2023 e 2024: o Arquivo Histórico Municipal organizou diversas atividades ligadas ao mês da consciência negra. Além disso, ampliou o acervo de entrevistas do Banco de Memória Oral, com registros em áudio, vídeo e fotografias com moradores do bairro Euzébio Beltrão de Queiróz.
- 2024: o Aldeia SESC promoveu a pintura de um mural na EPI Imigrante que retrata os diferentes grupos sociais que ajudaram a formar este território, povos originários, negros, imigrante italiano;
- movimentação cultural chegando nas periferias com iniciativas públicas e privadas.

O direito à memória se consolidada com a “construção da identidade social” (REIS, 2021, p. 89). Por isso, memória e identidade, também mudam com o tempo, “constituídas a partir da negociação com o outro, por meio de disputas sociais e políticas” (REIS, 2021, p. 88). Então, para que a representatividade seja efetiva de fato, o caminho futuro é amplificar e fazer ecoar estas vozes, principalmente da periferia e do meio rural. Enaltecer as nossas diferenças e particularidades sim, mas com o intuito maior de valorizar os fazeres e saberes de grupos distintos, mas que na coletividade construíram Caxias do Sul.

## Referências

CURY, Marilia Xavier. **Lições indígenas para a descolonização dos museus:** processos comunicacionais em discussão. Cadernos CIMEAC. Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, MG: v. 7, n. 1, p. 184-211, jul. 2017.

GIRAUDY, Danièle; BOUILHET, Henri. **O museu e a vida.** Trad. Jeanne France Filiatre Ferreira da Silva. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS; MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Museus e histórias controversas:** Dizer o indizível em museus. 15ª Semana de Museus. 2017. Disponível em: [https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Texto\\_SemanaMuseus2017.pdf](https://antigo.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/01/Texto_SemanaMuseus2017.pdf). Acesso em: 16 jan. 2025.

MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade:** a história de Caxias do Sul 1875-1950. Caxias do Sul: Maneco, 2001.

OLIVEIRA, Carlos Augusto de. **A musealização do território como estratégia de gestão do patrimônio e administração da memória.** Revista Memorare. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Tubarão, v. 2, n.2, p. 34-51, jan./abr. 2013.

REIS, Gabrielle Alves. **Os museus de território enquanto estratégia de mobilização do patrimônio ambiental e cultural.** Revista CPC. Centro de

Preservação Cultural da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: v.16, n.31, p. 69-94, jan./jun. 2021.

RISSI, Matheus Lopes. **Evolução urbana a partir da implantação dos museus em Caxias do Sul/RS**. Estágio em Arquitetura e Urbanismo [Relatório científico]. Orientação: profa. Dra. Terezinha de Oliveira Buchebuan. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Caxias do Sul. 2023.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Túlio dos Reis da. **A história do crescimento urbano de Caxias do Sul**: do milagre econômico à redemocratização. [Recurso online]. Caxias do Sul: Educs, 2018.

SOUZA, Célia Ferraz de; MÜLLER, Doris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1997.

TALIESem – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo. **Museus em Caxias do Sul**: Um olhar sobre o território, as edificações e seus acervos. [Relatório científico]. Orientação: profa. Dra. Terezinha de Oliveira Buchebuan. Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Caxias do Sul. 2025.

## Contatos

E-mail: [taliasem@ucs.br](mailto:taliasem@ucs.br) e [tobuchebuan@ucs.br](mailto:tobuchebuan@ucs.br)

Página: <https://taliasem.wixsite.com/website>

Facebook: Taliasem

Instagram: @taliasem

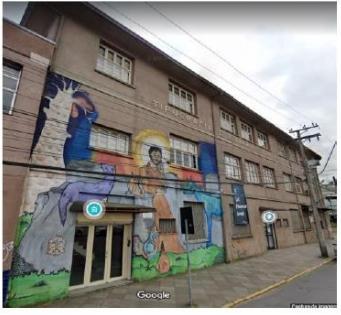
Link FLIP \_ clipping (publicações e reportagens em diferentes mídias sobre o TaliasEM): <https://online.fliphtml5.com/yrfh/tvh/#p=172>

**Figura 1:** Ficha geral dos museus

<b>FICHA DE INVENTÁRIO</b>	
PROJETO MUSEU MUNICIPAL + FEB	
Curso de Arquitetura e Urbanismo / <a href="#">TaliesEM</a>	
LEVANTAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DOS MUSEUS NO MUNICÍPIO DE CAXIAS DO SUL	
<b>1.DENOMINAÇÃO</b>	<b>2.MUSEU Nº</b>
MUSEU DOS CAPUCHINHOS (MUSCAP)	10
<b>3.SITUAÇÃO</b>	<b>4.LOCALIZAÇÃO</b>
 Caxias do Sul - Fonte: GeoCaxias	 Museu dos Capuchinhos - Fonte: GeoCaxias
<b>5.IMAGEM DO ENTORNO</b>	
	 
Complexo de edificações dos Freis Capuchinhos, composto pela Igreja e demais instalações. A antiga tipografia abriga o MUSCAP.	
<b>6.TEMÁTICA</b>	<b>7.PÚBLICO ALVO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conservação do acervo documental e sacro da ordem dos Freis Capuchinhos no Rio Grande do Sul;</li> <li>• Restauração e conservação;</li> <li>• Exposições temporárias.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sociedade Civil (qualquer faixa etária).</li> </ul>
<b>8.ESPAÇOS / INFRAESTRUTURA</b>	
 Espaço expositivo, reserva técnica, conservação e restauro, acervos – Fotos: TaliesEM e site oficial - <a href="http://capuchinhosrs.org.br/muscap">capuchinhosrs.org.br/muscap</a> .	

Fonte: [TaliesEM](#) (2024).

**Figura 2: Ficha edificações**

<b>FICHA CADASTRAL DOS MUSEUS</b>																																
<b>PROJETO MUSEU MUNICIPAL + FEB</b> Curso de Arquitetura e Urbanismo / <b>taliesem</b> <b>ANÁLISE DAS EDIFICAÇÕES</b>																																
<b>1. DENOMINAÇÃO</b> <b>MUSEU DOS CAPUCHINHOS (MUSCAP)</b>			<b>2. MUSEU Nº</b> <b>10</b>																													
<b>3. SITUAÇÃO</b>  Museu dos Capuchinhos Fonte: GeoCaxias - Aerofotogramétrico, 2014																																
<b>4. FOTOGRAFIA</b>  Museu dos Capuchinhos - Fonte: Google Street View																																
<b>5. IMPLANTAÇÃO NO LOTE</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Recuo de alinhamento</td> <td>Não</td> </tr> <tr> <td>Recuo lateral esquerdo</td> <td>Não</td> </tr> <tr> <td>Recuo lateral direito</td> <td>Não</td> </tr> <tr> <td>Ocupa todo lote</td> <td>Sim</td> </tr> </table>		Recuo de alinhamento	Não	Recuo lateral esquerdo	Não	Recuo lateral direito	Não	Ocupa todo lote	Sim	<b>6. CONTEXTO</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Hom</td> <td>Het</td> <td>Bom</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Época</td> <td>x</td> <td>Regular</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Estilo</td> <td>x</td> <td>Ruim</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Uso</td> <td>x</td> <td>Ruína</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Altura</td> <td>x</td> <td>Perigo Potencial</td> <td></td> </tr> </table>			Hom	Het	Bom	x	Época	x	Regular		Estilo	x	Ruim		Uso	x	Ruína		Altura	x	Perigo Potencial	
Recuo de alinhamento	Não																															
Recuo lateral esquerdo	Não																															
Recuo lateral direito	Não																															
Ocupa todo lote	Sim																															
Hom	Het	Bom	x																													
Época	x	Regular																														
Estilo	x	Ruim																														
Uso	x	Ruína																														
Altura	x	Perigo Potencial																														
<b>7. CONSERVAÇÃO</b>																																
<b>9. CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Estrutura/vedações</td> <td>1º pav</td> <td>2º pav</td> <td>3º pav</td> </tr> <tr> <td>Alvenaria tijolo</td> <td>x</td> <td>x</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Alvenaria pedra</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Madeira</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Outros</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>					Estrutura/vedações	1º pav	2º pav	3º pav	Alvenaria tijolo	x	x	x	Alvenaria pedra				Madeira				Outros											
Estrutura/vedações	1º pav	2º pav	3º pav																													
Alvenaria tijolo	x	x	x																													
Alvenaria pedra																																
Madeira																																
Outros																																
<b>8. EDIFÍCIO</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Número de Pavimentos</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>Pé direito</td> <td>&gt; 3m</td> </tr> <tr> <td>Porão</td> <td>Sótão</td> <td>Garagem</td> </tr> </table>		Número de Pavimentos	3	Pé direito	> 3m	Porão	Sótão	Garagem																								
Número de Pavimentos	3																															
Pé direito	> 3m																															
Porão	Sótão	Garagem																														
<b>10. REVESTIMENTO</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Material</td> <td>Reboco</td> <td>Cor</td> <td>Bege</td> </tr> </table>					Material	Reboco	Cor	Bege																								
Material	Reboco	Cor	Bege																													
<b>11.USOS</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td></td> <td>1º Pav</td> <td>2º Pav</td> <td>3º Pav</td> <td>Sótão</td> </tr> <tr> <td>Original</td> <td>TG</td> <td>TG</td> <td>TG</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Atual</td> <td>HE, CM</td> <td>EE, AD, AF, AL, AM, AT, CR</td> <td>RT</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Ocupado</td> <td>x</td> <td>x</td> <td>x</td> <td></td> </tr> </table>						1º Pav	2º Pav	3º Pav	Sótão	Original	TG	TG	TG		Atual	HE, CM	EE, AD, AF, AL, AM, AT, CR	RT		Ocupado	x	x	x									
	1º Pav	2º Pav	3º Pav	Sótão																												
Original	TG	TG	TG																													
Atual	HE, CM	EE, AD, AF, AL, AM, AT, CR	RT																													
Ocupado	x	x	x																													
<b>12. FORMA DAS ABERTURAS</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Aberturas</td> <td>Arco Abatido</td> <td>Arco Pleno</td> <td>Arco ogival</td> <td>Verga reta</td> </tr> <tr> <td>Portas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Janelas</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Esquadrias</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td>x</td> </tr> </table>					Aberturas	Arco Abatido	Arco Pleno	Arco ogival	Verga reta	Portas				x	Janelas				x	Esquadrias				x								
Aberturas	Arco Abatido	Arco Pleno	Arco ogival	Verga reta																												
Portas				x																												
Janelas				x																												
Esquadrias				x																												
<b>13. VALORES DE PRESERVAÇÃO</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Arquitetônico</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Tradicional e/ou evocativo</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Ambiental</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>De uso atual</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Acessibilidade para reciclagem</td> <td></td> </tr> <tr> <td>De conservação</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>De recorrência regional</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Raridade formal</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Risco de desaparecimento</td> <td></td> </tr> <tr> <td>De antiguidade</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Compatibilização a estrutura</td> <td></td> </tr> </table>					Arquitetônico	x	Tradicional e/ou evocativo	x	Ambiental	x	De uso atual	x	Acessibilidade para reciclagem		De conservação	x	De recorrência regional		Raridade formal		Risco de desaparecimento		De antiguidade		Compatibilização a estrutura							
Arquitetônico	x																															
Tradicional e/ou evocativo	x																															
Ambiental	x																															
De uso atual	x																															
Acessibilidade para reciclagem																																
De conservação	x																															
De recorrência regional																																
Raridade formal																																
Risco de desaparecimento																																
De antiguidade																																
Compatibilização a estrutura																																
<b>14. COBERTURA</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>TELHA</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Francesa</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Capa/canal</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Fibrocimento</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Metálica</td> <td>x</td> </tr> </table>					TELHA		Francesa		Capa/canal		Fibrocimento		Metálica	x																		
TELHA																																
Francesa																																
Capa/canal																																
Fibrocimento																																
Metálica	x																															
<b>15. COROAVENTO</b> <table border="1" style="width: 100%;"> <tr> <td>Beiral</td> <td>x</td> </tr> <tr> <td>Platibanda</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Frontão</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Outro</td> <td></td> </tr> </table>					Beiral	x	Platibanda		Frontão		Outro																					
Beiral	x																															
Platibanda																																
Frontão																																
Outro																																
<b>OBSERVAÇÕES</b> <p>Legenda para usos:          TG - Tipografia e editora São Miguel          HE - Hall de entrada          EE - Espaço Expositivo          AD - Acervo Documental          AF - Acervo Fotográfico          AL - Acervo Livros          AM - Administrativo          CR - Conservação e Restauro          RT - Reserva Técnica          CM - Comercial       </p>																																

Fonte: **TaliesEM (2024)**.

**Figura 3: Modelo de Ficha - 3<sup>a</sup> fase**

**3º FASE - INDUSTRIALIZAÇÃO (1940 - 1980)**

REGIÃO	NÚCLEO	OUTRAS REGIÕES
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Fatores Populacionais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Aumento do êxodo rural;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Econômicos:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Estagnação da agricultura, com redução da produção agrícola e pecuária;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Locacionais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>O sistema de ferrovias começa a estagnar;</li> <li>Sistema rodoviário federal passa a ser implantado no estado;</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Fatores Populacionais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Com o desenvolvimento, a cidade passa a atrair pessoas principalmente dos Campos de Cima de Serra e Santa Catarina;</li> <li>O êxodo rural faz a população urbana aumentar 10 vezes em 40 anos;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Econômicos:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Aumento acelerado no número de indústrias e comércios;</li> <li>Algumas empresas são declaradas de interesse militar, fazendo crescer a demanda e o número de vagas;</li> <li>Surgem novas empresas que fariam parte da transição industrial de Caxias, se inserindo na economia mundial;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Locacionais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Rodovia Federal BR116 chega a Caxias;</li> <li>Expansão urbana no sentido leste devido a implantação de indústrias no entorno da rodovia;</li> <li>Caxias do Sul assume de vez a função de Polo Metalmecânico;</li> <li>Com a necessidade de expansão, surgem novos bairros, loteamentos e favelas;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Político-institucionais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Com o rápido aumento populacional, o poder público passa a ter a necessidade de resolver problemas gerados pelo crescimento desorganizado de Caxias;</li> <li>Primeiro Plano Diretor da cidade é aprovado em 1972;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Socioculturais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Com as comemorações do centenário da imigração, a população passa a se interessar pela sua história;</li> <li>Nesse período surgem alguns museus, equipamentos que fomentam a cultura e o interesse por preservar edifícios históricos;</li> <li>A cidade inicia o processo de se tornar mais cultural;</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Fatores Econômicos:           <ul style="list-style-type: none"> <li>A entrada do Brasil na Segunda Guerra gerou um avanço na produção industrial brasileira;</li> <li>Surgem novos fortes produtores agrícolas, como Mato Grosso e Paraná;</li> </ul> </li> <li>– Fatores Político-institucionais:           <ul style="list-style-type: none"> <li>Estado Novo - 1937 a 1945;</li> <li>Segunda Guerra Mundial - 1939 a 1945;</li> <li>Incentivo à industrialização nacional;</li> <li>Ditadura Militar - 1964 a 1985;</li> </ul> </li> </ul>

Fonte: RISSI (2023, p. 25). Baseado no método de análise desenvolvido por Souza e Müller (1997) com conteúdo do trabalho de autoria de Machado (2001) e Silva (2018).



**Quadro 1: Museus e lugares de memória caxienses**

FASE	LUGARES DE MEMÓRIA	CONSTRUÇÃO EDIFICAÇÃO	USO ORIGINAL	FUNDAÇÃO MUSEU	CATEGORIA	MUSEU na EDIFICAÇÃO ATUAL	TOMBAMENTO	CONTEXTO	ACERVO
Colonização e fundação (1875-1890)	1. Casas Bonnet	1877-1879	Residencial	1998	Privado	1998		Rural	Imigração italiana - casa/ trabalho
	2. Casa de Pedra	1879	Residencial	1974	Público	1975	2003	Urbano	Imigração italiana - casa/ trabalho
	3. Museu Municipal	1884	Residencial/ Intendência	1947	Público	1975	2001	Urbano	Arqueologia povos originários Imigração italiana - casa/ trabalho/ religião
Consolidação agrícola e vitivinícola (1890-1940)	4. Instituto Hércules Galló	1904-1908	Residencial	2012	Privado	2009	2010	Urbano	Imigração italiana - casa
	5. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami	1910	Residencial Comercial Hospital	1976	Público	1999	Estadual (1986) Municipal (2002)	Urbano	Livros, fotografias, projetos, documentos, mapas, etc.
	6. Acervo Cantina Antunes (Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho)	1913	Industrial	2001	Público (1988)	2001		Urbano	Imigração italiana - trabalho
	7. Museu e Casa Zinani	1915	Residencial	2000	Privado	2000		Rural	Imigração italiana - casa
	8. Museu Diocesano (Casa)	1918	Casa Canônica	2014	Privado	2014		Urbano	Religioso
	9. Museu da Uva e do Vinho Primo Slomp (Cooperativa Vitivinícola)	1929	Industrial	2002	Privado	2002	2013	Urbano	Imigração italiana - trabalho
	10. Museu São Brás	1930	Residencial	1996	Privado	1996	2002	Rural	Imigração italiana - casa/ trabalho
	11. Museu da Indústria Metalúrgica (MIM) - Memorial Gazola	1932	Industrial	2013	Privado	2013		Urbano	Metalurgia - trabalho
	12. Fazenda Bertussi	1935	Residencial	2008	Privado	2008		Rural	Trabalho campo / música
	13. Centro de Memória Dr. José Brugger (Hospital Pompeia)*	1940	Hospital	1998	Privado	1998		Urbano	Trabalho médico
Industrialização (1940-1980)	14. Museu dos Capuchinhos (MUSCAP)	1952	Tipografia	1980	Privado	Sede (1993) Aberto público (2000)		Urbano	Religioso
	15. Monumento ao Imigrante	1954	Monumento	1954	Público	1954	2007	Urbano	Imigração italiana - trabalho
	16. Instituto Bruno Segalla (Campus 8 - UCS)	1961	Educacional	2005	Privado	IBS no Campus 8 (2014)	2012	Urbano	Obra artista local
	17. Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial	s/d	Residencial	1976	Privado (1976-2004) Público (2007-atual)	1976		Urbano	Guerra
Diversificação Econômica e Cultural (1980-2000)	18. Museu Municipal do Esporte (Ginásio Enxutão)*	1986	Esportivo	2020	Público	2020		Urbano	Esporte
	19. Museu de Ciências Naturais da UCS	1995	Museu	1984	Privado	1995		Urbano	Ciências naturais

FASE	LUGARES DE MEMÓRIA	CONSTRUÇÃO EDIFICAÇÃO	USO ORIGINAL	FUNDAÇÃO MUSEU	CATEGORIA	MUSEU na EDIFICAÇÃO ATUAL	TOMBAMENTO	CONTEXTO	ACERVO
Caxias Contemporânea (2000-atual)	20. Memorial Atelier Zambelli (Monumento Jesus Terceiro Milênio)	2004	Monumento	2004	Público	2004		Urbano	Religioso
	21. Museu de Território de Galópolis	Ruas do bairro	Vila Operária	2015 - Fase 1 2019 - Fase 2	Privado	Paisagem / Percurso		Urbano	Paisagem cultural

Fonte: Da autora (2025).

---

<sup>i</sup> Este estudo (2023-2025) tem origem em uma demanda do Museu Municipal, encaminhada ao TaliesEM – Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul, que consistia na proposta de qualificação dos pátios do próprio Museu Municipal e do Museu dos Ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. O escritório modelo se propôs a ampliar o escopo da pesquisa para entendimento da oferta dessas instituições no município, as características das edificações que abrigam os acervos e a possível relação delas com a evolução da ocupação do território. Na parte inicial da pesquisa (2023) colaboraram os acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo e voluntários do TaliesEM Gabriel Lucas Viganó, Laura Franken Dalberto e Milena Cardoso dos Reis, auxiliando no mapeamento e levantamento de campo. O acadêmico Matheus Lopes Rissi desenvolveu o estágio curricular no TaliesEM e produziu o relatório científico intitulado “Evolução urbana a partir da implantação dos museus em Caxias do Sul/RS” (2023), com supervisão do professor Paulo Rogério De Mori. Os arquitetos e urbanistas e voluntários do TaliesEM, Marla Ecker da Silva e Fabio Varela, participaram ao longo de todo o estudo. A coordenação dos trabalhos e a orientação do estágio curricular foram da autora deste artigo.

<sup>ii</sup> O Museu da Uva e do Vinho Primo Slomp estava fechado na época dos levantamentos de campo. O Museu Municipal do Esporte também não foi acessado, pois nas várias tentativas de visita, o Ginásio Enxutão estava fechado ao público. O Centro de Memória Dr. José Brugger, após reformas recentes no Hospital Pompeia, foi desativado.

<sup>iii</sup> Os bens tombados e uma listagem de monumentos, por bairros onde se localizam, podem ser consultados na página da Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural (DIPPAHC), no site da Prefeitura de Caxias do Sul. Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/dipphac>. Acesso em: 15 jan. 2025.

<sup>iv</sup> UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Inventário do patrimônio histórico rural de Caxias do Sul: Olhares sobre o território**; p. 63. In: TONUS, João Wianey (Org.); PROJETO URB-AL/VICTUR. Victur: Valorização do turismo integrado à identidade cultural dos territórios. Caxias do Sul, RS: Belas Artes, 2007, p. 46-83.

<sup>v</sup> Sobre a constituição do sentimento de *italianità* ou a identidade ligada à representações de italianidade na Região da Serra Gaúcha, vinculadas aos imigrantes italianos e seus descendentes, há um vasto material, em diferentes áreas do conhecimento. A Universidade de Caxias do Sul contribuiu para muitos estudos, destacando-se, particularmente, o Programa Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul (ECIRS), atualmente vinculado do Instituto Memória Histórica e Cultural da UCS. Além disso, é possível saber mais em MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em Rede**: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul. Tese [Doutorado]. Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2008; e, BUCHEBUAN, Terezinha de Oliveira. **Os velhos casarões de Antônio Prado**: Processos culturais, patrimônio e conflito. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura, Universidade de Caxias do Sul, 2010.

<sup>vi</sup> Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PPDI) em vigor pela Lei Complementar nº 589, de 19 de novembro de 2019 e com alterações pela Lei Complementar nº 638, de 29 de novembro de 2020.

<sup>vii</sup> BARCELLOS, Cláudio Barcellos de. **Painel: Cidadania x Desigualdade**: A Formação do brasileiro do futuro. In: FUNDAÇÃO MARCOPOLLO. Simpósio “O futuro que queremos”. Universidade de Caxias do Sul. 19 a 20 de agosto de 2024.